

**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EMMANUEL LEVINAS**

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

L755

Linguagem, feminino e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Gregory Rial e Luciene dos Santos, 2019.

Inclui bibliografia

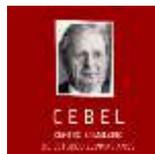
ISBN: 978-65-00-00046-7

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Literatura. 3. Feminino. 4. Linguagem. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

Apresentação

O presente volume reúne os textos que foram apresentados no grupo de trabalho "Linguagem, Feminino e Literatura" durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2019 na Dom Helder Escola de Direito.

Estes textos representam a versatilidade do pensamento levinasiano: são artigos não só da filosofia, mas também de áreas como teologia, direito, letras, comunicação social e psicanálise. As leituras transversais que os autores destes textos fazem da obra de Levinas permitem encontrar nos testemunhos da literatura, das imagens e dos rostos femininos o enigma do Outro, o rastro de uma ética não tematizável. A partir deste enigma são problematizadas e matizadas questões fundamentais para o atual momento e cria-se, do ponto de vista metodológico, uma epistemologia diferencia que ultrapassa a mera hermenêutica filosófica.

Destaca-se a renovada leitura do problema do feminino em Levinas que tem sido explorada e aprofundada como forma de responder ao premente apelo do nosso tempo de quitar a dívida histórica com as mulheres. Também as interfaces com a literatura criam uma

aproximação da filosofia com as letras em que se é possível escutar uma voz que interpela: serão os personagens literários uma figura do drama ético que a nossa carne experimenta? Em que medida a linguagem inacabada dos literatos conserva o dizer do encontro ético, do face a face?

Ressalta-se a abertura dos estudos levinasianos para a área da comunicação social, uma articulação promissora ao entrever nestes escritos filosóficos uma teoria da comunicação que não se reduz à mera troca de informações de uma interlocução contextualizada, mas que parte do pré-original: da abertura de um sujeito ao outro - condição de possibilidade de qualquer comunicação. Além disso, a apropriação dá filosofia levinasianos pela Comunicação Social alimenta uma tensão muito pertinente que trata das possibilidades de encontrar o Rosto na plasticidade das imagens ou até que ponto uma imagem é epifania e em que momento é

reificação totalizante do Outro.

À apresentação oral destes textos seguiram preciosas discussões cujo conteúdo, infelizmente, não foi registrado em texto. Mas almejamos que a disponibilização deste material contribua para futuras discussões que, cremos, contribuirão para o aprofundamento

de Levinas na academia brasileira.

Os organizadores

"EIS-ME AQUI!": O TESTEMUNHO INFINITO DO OUTRO NAS IMAGENS
"¡AQUÍ ESTOY!": TESTIMONIO INFINITO DEL OTRO EN LAS IMÁGENES

Frederico Da Cruz Vieira De Souza ¹

Resumo

O artigo se propõe a pensar a imagem como gesto político de abertura à escuta do outro, valendo-se da linguagem ética levinasiana, sobretudo das noções de eleidade e testemunho. Proponho uma visada metodológica de análise das imagens em que a susceptibilidade do olhar move-se face às formas corpóreas de outrem, no aquém e no além da dimensão representacional. Em breve análise, elejo uma série assinada por Thiago Foglin, fotógrafo que revela a passagem dos rostos das ruas da cidade de São Paulo; imagens que clamam: "eis-me aqui!"; e que nos concernem ao infinito testemunhar de uma política por vir.

Palavras-chave: Imagens, Eleidade, Testemunho, Rosto, Povos de rua

Abstract/Resumen/Résumé

Pensar en la imagen como un gesto político de apertura a escuchar a los otros, utilizando el lenguaje ético levinasiano, las nociones de elegido y testigo. Propongo un enfoque metodológico para el análisis de imágenes en el que la susceptibilidad de la mirada se mueve en relación con las formas corporales de los otros, antes y más allá de la dimensión representativa. Elijo una serie por Thiago Foglin, un fotógrafo que revela el paso de rostros de las calles de São Paulo; imágenes que gritan: "¡Aquí estoy!" y que piden el testimonio infinito de una política por venir.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Imágenes, Electividad, Testimonio, Rosto, Gente de la calle

¹ Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais

Bendito és Tu, A-do-nai, nosso D'us, Rei do Universo, ó D'us, nosso Pai, nosso Onipotente, nosso Criador, nosso Salvador, nosso Autor, nosso Santo, ó Santo de Yaacov, nosso Pastor, ó Pastor de Israel, ó Rei que é bondoso, e age com benevolência para com todos, dia após dia. Ele agiu para conosco, age para conosco e agirá para conosco com benevolência; Ele derramou, derrama e derramará sobre nós benefícios para sempre, [dando-nos] graça, benevolência, misericórdia e alívio, liberdade e prosperidade, bênção e salvação, consolo, subsistência e alimento e misericórdia e vida e paz e todo o bem. E de qualquer espécie de bem não nos deixe jamais ter carência. (BANDE, 1979, p.103-104, grifo meu)¹

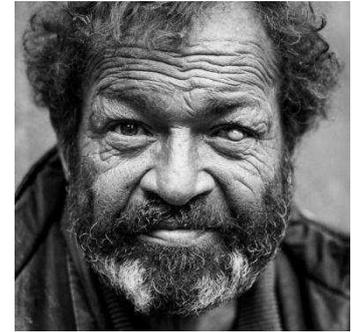
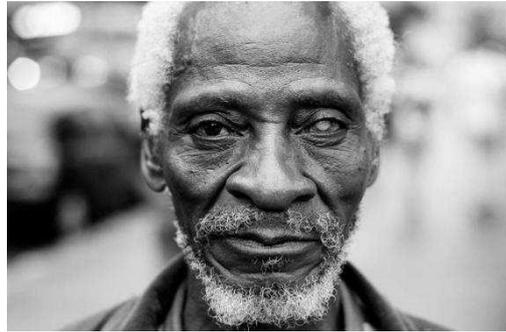
O Rosto diz “*Eis-me aqui!*” e se retira antes que o visível possa capturá-lo; e nesse dizer já dá testemunho do Infinito, abertura que louva ao rosto que me antecede; porque próximo do tu, o ele faz morada. Nas imagens dos rostos, os terceiros da política, outros dos outros, já habitam *outramente* o tu que me interpela. Levinas (1982) lembra que a mística judaica nos provoca com um de seus traços singulares: o fiel inicia seu dizer a Deus (Infinito) valendo-se do *Tu*, e acaba seu louvor dizendo *Ele*, como se nas cercanias da visitação do *tu*, sobreviesse a sua transcendência no *ele* (eis um exemplo na bênção que abre a análise dessa série). É o que Levinas chama de *eleidade* do Infinito. “Direi que o sujeito que diz “Eis-me aqui!” dá testemunho do Infinito. É por este testemunho, cuja verdade não é verdade de representação ou de percepção, que se produz a revelação do Infinito.” (p. 88) Levinas não se refere a um testemunho baseado numa tematização ou conhecimento, mas a um modo de revelação; por isso o rosto *significa* o Infinito.

Na série fotográfica a seguir, de autoria de Thiago Fogolin², encontram-se reunidas dez imagens que expõem modos de aproximação do face a face que perfazem sinal da doação de sinal, na abertura da Comunicação dá-se o gesto de exposição à humanidade infinita. Procurarei *dizer* essa espécie de passagem do ético ao político acionada pela eleidade dos rostos retratados por Thiago – do eu-tu ao eles-diferindo-em-nós. Assim, permeiam o texto dois fragmentos do conjunto de *incursões* que fiz, as quais distam de um relato etnográfico clássico ou do rigor da descrição fenomenológica, embora se possa reconhecer certos elementos típicos desses instrumentos de pesquisa na composição do método e na experiência de *perambular com outro*. A performance da escrita tenta (des)dizer percepções, afetações e reflexões resultantes do processo de aproximação e avizinhamo junto ao

¹ Tradução da Quarta Bênção Judaica de Graças após a Refeição com o Pão (Bircat Hamazon), das séries de bênção sobre os alimentos.

² Fotógrafo que circula desde 2008 pela Praça da Sé e hipercentro da cidade de São Paulo, fotografando rostos e corpos, e que expõe sua produção *online* nas plataformas do *Facebook* e do *Instagram*, sem realizar, contudo, exposições tradicionais em salas ou galerias de arte. Seu acervo contabiliza mais de 60 mil imagens.

Série Fotográfica – “Eis-me aqui!” de Thiago Fogolin



As citações das fotografias contidas no artigo seguem a ordem exposta pela série acima: da esq. para a dir. e de cima para baixo. Todas as imagens são nomeadas pelo fotógrafo Thiago Fogolin como “Sem Título”, sendo a sequência dos anos de realização dos retratos: a. 2011; b. 2009; c. 2016; d. 2015; e. 2009; f. 2009; g. 2012; h. 2009; i. 2009; j. 2012.

fotógrafo Thiago Fogolin, e aos outros das ruas, viventes da região da Sé, São Paulo.³ Nesse âmbito, a proposta de cada incursão era a de gerar uma abertura para experiência com o outro, via contato e afetação, percorrendo-se um itinerário que se definia a partir do encontro com o fotógrafo, da maneira mais espontânea possível. Em geral, tanto eu quanto o fotógrafo percebíamos o momento em que a experiência começava a se esgotar. Quando isso ocorria, despedíamos-nos e eu, em seguida, registrava de imediato em texto o processo vivenciado ao longo daquelas últimas horas. Refluiu nos aspectos e quadros de sentido do dia padecido. A tentativa, nesse momento, não era a de resgatar de forma cronológica o que fora vivido, tampouco de responder a um roteiro estruturado de perguntas e observações. Era “expandir” a elaboração da experiência a partir do exercício do relato, da escrita.

Importa lembrar que Levinas, contrapondo-se ao modelo de via aberta para circulação das informações em mão-dupla, aposta na dissimetria das relações comunicativas, que se dão na proximidade.

A proximidade não é simples coexistência, mas inquietude. Há qualquer coisa que passa de um para o outro e do outro para o um, sem que os dois movimentos difiram unicamente de signo. Então dir-se-ia ou comunicar-se-ia alguma coisa no contato? Alguma coisa se tematizaria? *Nada, a não ser o contato pelo próprio contato*. Nada se dirá, a não ser esse mesmo contato, essa aliança e essa cumplicidade. (...) Este dizer do contato não diz e não comunica senão esse mesmo fato de dizer e comunicar. Também aí, como uma carícia. (LEVINAS, 1999b, p. 282)

Pela perspectiva ética da linguagem em Levinas, o corpo exposto numa imagem se assumia como espécie de vetor da cumplicidade e da carícia, contato pelo contato, antes de quaisquer entendimentos. No pele a pele – olho a olho; retina a retina; estou entregue. Mas se a *suceptibilidade* para Lévinas é inescapável, por outro lado o filósofo nos alerta para os limites dessa exposição ao lembrar que sempre haverá *outrem do outro*, o terceiro, aquele que cumpre o papel de atravessar o eu-tu e fazer justiça à possibilidade de tirania do outro sobre mim. A figura do terceiro será, e especialmente no campo da comunicação e das imagens, um paradigma para se pensar as relações que se estabelecem a partir de outra ética. Promove-se o “arrancamento” de si, apesar de si, na interdição dos sis por outrem.

O artigo se propõe a provocar uma reflexão sobre a imagem fotográfica como gesto político de acolhimento e de abertura à escuta do outro, valendo-se da linguagem ética levinasiana, com destaque às noções de eleidade e de testemunho desenvolvidas pelo filósofo lituano. Proponho uma visada metodológica de análise das imagens em que a *suceptibilidade*

³ Entre abril e dezembro de 2016, foram realizadas sete incursões nas seguintes datas: 30/4; 4/6; 9/7; 6/8; 3/9; 7/10; 5/11, sempre aos sábados, durante algumas horas.

do olhar do pesquisador move-se face às formas corpóreas de outrem, que naquele atuam como catalisadoras de significâncias no aquém e no além da dimensão representacional da imagem. Com Levinas e seus interlocutores é preciso *pensar outramente* as fotografias, a partir de atravessamentos do contato que se estabelece no face a face: tríade eu-outro-terceiro.

a. Política *por vir*

A noção da fraternidade em Levinas quer exprimir a passagem do face-a-face ético ao terceiro, o que está conectado ao conceito de proximidade. Nas palavras de Carrara (2010), a fraternidade levinasiana pode ser compreendida como a relação que revela “a simultaneidade da unicidade de minha eleição com a pluralidade incontável de outros igualmente eleitos, escapando à neutralidade da ordem do terceiro e à simetrização imposta pela justiça e pela política” (p. 113). Ela é o modo como os outros de outrem se anunciam no rosto que se aproxima; uma situação intermediária entre a assimetria do face-a-face ético com a reciprocidade que “iguala” perante a justiça.

Portanto, se por um lado é questionável o fato de Levinas desenvolver uma filosofia política, por outro é inegável que ele tenha um modo de pensar o político, articulado à responsabilidade ética. O difícil exercício de comparar as infinitas alteridades, em suas singularidades e assimetrias, exige que de alguma maneira *alguém passe adiante*.

A política nasce dessa dificuldade de organizar a justiça em proximidade à pluralidade dos entes. Eis aí a questão ética, já que os sujeitos da ação política têm que inevitavelmente refletir sobre os desdobramentos disto ou daquilo que decidem sobre as vidas de outrem. Por conseguinte, o face-a-face ético torna-se imperativo àqueles que se situam no campo da Justiça e da Política, não permitindo que as liberdades individuais exerçam efeito totalizante sobre os modos de vida e sobre suas múltiplas formas de manifestação. Chaliier (2003) aborda o pensar de Levinas a respeito do *início do político*, citação muito bem ajustada à reflexão sobre as condições precárias – muitas vezes miseráveis e desumanizantes – padecidas pelos *povos de rua*.

Para aquele cujo infortúnio mudo nada sabe pedir e que esqueceu mesmo, frequentemente, que poderia esperar alguma coisa de alguém, ou simplesmente para aquele que, por eu ter dado demasiado a um, não receberá nada e verá mesmo às vezes a sua sorte piorar, *consentir ouvir essas questões como dirigidas a si, é imediatamente saber que o amor por outrem não se pode emancipar da preocupação pela justiça, ou do dever de comparar os incomparáveis, quer dizer, outrem e o terceiro, e decidir das suas prioridades*. Este é para Levinas o ato inaugural do político, porque essa é a dificuldade por excelência que preside a organização da pluralidade humana. (CHALIER, 2003, p. 138-139, grifo meu)

Já para Sebbah (2009), apesar de Levinas não ter formulado exatamente a ideia de um *enraizamento* do político na ética, é possível entrever a anterioridade dessa àquele, na medida em que o político passa de uma tomada de consciência “posterior” da pluralidade dos rostos para se referir à situação ética naquilo que há nela de mais profundo. Assim,

[...] seria possível ver no político – para retomar um movimento de pensamento bastante apreciado por nosso filósofo – uma *evasão* fora da ética que a libera de si mesma e, desta vez, permite-lhe ser verdadeiramente ela própria, sem sucumbir a seu próprio peso. Uma evasão fora da ética que é sua continuidade em condições que não poderiam ser mais favoráveis, evitando que ela se transforme em seu contrário, permitindo-lhe, de maneira bastante paradoxal – na tese, contudo, sempre provisória, de um Estado de Direito que garante a justiça –, continuar a libertar-nos do ser (que, em sua perseverança, é guerra e mal). (SEBBAH, 2009, 210-211)

A perspectiva levinasiana faz frente ao Estado que cria o sentimento de medo e morte pelo princípio da coerção; a cidadania política que ele propõe não está ancorada na autonomia da modernidade ou da liberdade grega, mas na responsabilidade atenta às exigências de justiça e bondade, o que colocaria o princípio de liberdade sempre em suspensão.

Sem aprofundar demasiadamente nessa questão, posso afirmar com Costa (2013) que o Estado em Levinas ultrapassa seu papel regulador e normativo da sociedade política, mas ficaria ele mesmo “autocrítico de suas atribuições de necessidades administrativas e burocráticas” (p. 231). Esse princípio torna-se pujante quando se pensa em políticas públicas e de governo que visam acolher demandas de segmentos sociais como são os *povos de rua*. Neles as condições de precariedade são tamanhas que se por um lado há necessidade de melhor protegê-los, não se pode permitir que tal proteção recaia numa tutela impregnada de assistencialismos e alijamentos das capacidades criativas dos sujeitos que padecem violências de múltiplas ordens. Novamente a ética bate à porta do albergue da política para reconduzir o todo às singularidades.

Mas como superar as situações de desfiguração do rosto operada pelo terceiro no campo político? Se a política pensada a partir da liberdade suprime o diálogo e se define pela ordem da razão universal, como a Política pode sobreviver e assinar o salvo-conduto do rosto frente à livre violência e ao anonimato normativo?

Seria uma política *por vir*. Política da ordem da promessa, que está sempre por chegar. Que rompe com a tendência do conhecimento à unidade, à supressão da multiplicidade na unificação operada pela razão, o que por vezes resulta na destruição da alteridade. Lugar da

responsabilidade diaspórica, abraâmica, que não retorna a si, mas que sai rumo ao infinito deserto de nossa responsabilidade. A política *depois* que, inspirada pela ética primeira, faz o homem no futuro retornar ao seu advento *an-árquico*, ao *depois* não submetido ao presente, mas orientado pela velhice do que virá, pele rugosa da alteridade que faz po-ética em mim na exposição a outrem. Homem que padece de seu não-poder-poder⁴ e faz disso seu campo político.

Assim, a ideia de uma inspiração ética da política poderia fornecer um critério empírico, permitindo julgar uma ação ou uma lei. Essas poderiam ser chamadas “boas” se elas não se substituíssem ao acontecimento ético que as precede e se elas não obstruem o antes-da-lei, o antes-de-toda-lei, não reconhecendo nem sob elas nem além delas mesmas, dito de outra forma, se elas autorizam sempre e conduzem continuamente à possibilidade de sua interrupção. *Política depois, então, porque pré-originária numa tomada do sujeito, “mais velha” que todo conceito da e do político. Mas ética depois deste depois, num tipo de retorno da arqui-origem, depois da instituição da ordem do universal* (BENSUSSAN, 2009, p. 78, grifo meu).

Conforme lembra Korelc (2017) o *por vir* para Levinas é definido pela alteridade, “e a alteridade é definida como o evento em que cessa o poder do sujeito de captar, de assimilar, de possuir e dominar e se pôr como sujeito, isto é, liberdade” (p. 142) *Por vir* da política não como simples futuro, derivado do tempo presente. Nas palavras de Levinas:

Quanto ao futuro – não é minha antecipação de um presente que me espera já todo pronto e semelhante à ordem imperturbável do ser, como se ele já tivesse chegado, como se a temporalidade fosse uma sincronia. O futuro é o tempo da profecia, que é também um imperativo, uma ordem moral, mensagem de uma inspiração (...) um futuro que não é simples por-vir. (LEVINAS, 2010, p. 143)

Nesse *por vir* – marcado pela aqui-origem da ética; nos ditos de filósofo judeu, sofre uma compreensão da política que se articula, em primeiro plano, em torno dessa fraternidade e da responsabilidade por outrem e que, mais profundamente se revela no plano das corporalidades (rosto) e de sua passagem pelas imagens (fotografias).

⁴ Levinas nos alerta sobre o possuir, o reconhecer e o apreender; na visão do autor eles são sinônimos de poder – lavoura infinita para a Ciência Política. O filósofo denuncia o fracasso da Política na mesma medida em que o *Eros* é reificado; para ele, o não-poder-poder é o que permite à alteridade sustentar o outro como determinação essencial. Nele reside a razão por que procuramos a alteridade na relação absolutamente originária do Eros, numa relação que fica impossível ser traduzida em poder (LEVINAS, 1984) Não tenho a pretensão nessa tese de tratar do Eros, ligando-o diretamente à Política, mas tal dimensão do pensamento levinasiano, não posso deixar de citar nesse contexto, uma vez que o não-poder-poder é que, em grande medida, permite que o rosto de outrem surja contra a absolutização que o aniquila. O corpo comparece ao pensamento de Levinas sobre o Eros não como mercadoria a ser consumida, mas como lugar da negatividade, do tensionamento entre mim e outrem, da manutenção da distância no momento em que a proximidade se desenha pele a pele. Pensamento não fusional, mas amoroso, posto que assim como a alteridade, o amor não é uma possibilidade, não é devido nossa iniciativa; ele é sem razão, ele se precipita sobre nós e nos fere (Ibid. p. 56).

b. Fragmento I⁵

Antes de nos assentarmos no buteco, passamos por uma senhora, assentada ao chão, encolhida entre uma banca de jornal e o seu carrinho cheio de coisas. Thiago cumprimentou-a: “Dona Vânia!”; ela sorriu e respondeu, chamando-o pelo nome. Quando a avistei, reconheci o mesmo rosto e o turbante das fotografias de Thiago. Uma sensação curiosa; passaria direto por aquele espectro, mas agora ele tinha nome. No cumprimento de Thiago, nasceu a pessoa, a Dona Vânia. “Eis-me aqui”, penso Lévinas. Logo percebi a cegueira branca do jogo de esconde-esconde, invisibilizante, silenciante. E Thiago me contou que nem sempre Dona Vânia fora assim, tão amistosa. No início, mandava Thiago tomar no cu. Certa feita, ele ofereceu uma fanta uva para ela, que Dona Vânia repassou a outra pessoa. A partir de então, o sorriso aconteceu e eles se tornaram conhecidos um do outro.

No bar, de vez em quando, Thiago clicava entre um gole e outro. À frente da calçada, um senhor estava sentado com um saco de tecido roto, assistindo a TV, diante da loja de eletrodomésticos. “É assim todo dia”, disse Thiago. “Ele vem, assenta e fica aí”. Papeamos um bocado mais. Talvez por mais de uma hora. Thiago acertou a conta e tornamos a caminhar.

Passamos novamente por um grupo de pastores que sempre prega (dentre outros muitos) na Praça da Sé. Thiago havia me dito que eles vêm a pé de Guarulhos até ali. Usam barbas grandes, calças e camisas sociais, batem na bíblia, xingam e berram, se assim necessário for. Em geral, não ficam de conversa com as pessoas; estão ali para pregar. Mas parece que ao menos um deles se sente à vontade com Thiago. Acercou-se de nós, falou bastante sobre Deus, sobre não beber, não fumar; tinha os olhos firmes, era terno e frio ao mesmo tempo. Estava estampado no seu olhar a alegria em reencontrar Thiago; talvez não tão alegre por perceber que Thiago se esquivava de se “entregar a Deus”. “Depois tenho que trazer aquela foto que tirei de você.” “Não, Thiago, essa história de foto é muito complicada”. E o pregador explicou que, sendo a foto “boa”, a pessoa retratada se sentia envaidecida e isso alimentava o orgulho. Se por outro lado, a pessoa retratada morresse, a fotografia seria danosa para quem ficava com a lembrança; sempre que se olha para uma foto de alguém que se foi, revive-se a tristeza e saudade.

⁵Trecho das anotações “Incursões”, de 30/4/16.

c. Encarar

A primeira parte da série (a – c) nos oferta a frontalidade dos rostos, implicando-nos prontamente na responsabilidade ética inescapável da mirada dos pares de olhos que se apresentam em incompletude. Há um olho que vê e outro que não vê, mas talvez se *veja mais* pelo olho que falha, por aquilo que se hospeda no *para além* da visitação do visível; uma interrupção do par de olhos: a linha da visão que escapa da assimetria ética do face a face para uma política que impede a totalização, porque considera o que difere nas cercanias do tu, o não visto, ou o que por vezes se quer negar ao visível.

O *punctum* barthesiano que “cega” o olhar, a interdição do modo de ver que, com efeito, nos retira da tirania da relação eu-tu e nos expõe aos eles, infinitamente outros.

Pelos rostos nas imagens o que se revela evade qualquer tentativa de tematização, ou de se fazer conhecimento. O enquadre de Thiago parece privilegiar na exposição desses rostos o esvaziamento de si como fotógrafo, para que o outro encontre fresta na imagem; da habitação dos elementos sensíveis ao apanhamento *de passagem* no visível, *como se* os olhos “sim-não” nos olhassem diretamente nessa assimetria ética.

Ou diriam os pares de olhos, derridianamente: um “Sim.” e outro “Sim. Sim.”? Sem dúvida, a falha nos desaloja da segura morada do eu para que nos hospedemos na rua daquele que, em nosso olhar, hospedamos. Duplo albergue.

Eles passam. O sorriso discreto da senhora, mão direita ao peito, o acumpliciamento do batom e dos brincos; um meneio de moça brejeira no gesto-pescoço, fluido flerte com o homem que a vê (a). O silêncio inescapável da firmeza negra e rugosa de um almirante das ruas, cabelos brancos, boca certa e inteira, potestade no cenho, a um só tempo sereno e grave (b). A placidez dos traços doídos, entremeios de uma ternura que faz padecer o rosto, sombreado das infâncias violentas nas bochechas macilentas, em queda; mas o olhar curioso que faz generosidade é o olhar que adentra os cabelos desalinhados e que nosso mirar pode acarinhar (c). Esse homem que passa an-áquico, desde Diógenes até o *por vir*.

São os rostos que passam e transcendem – os que nos dão testemunhos de que *os povos de rua* são muitos e que suas marcas, sempre diferindo, *dizem* uma infinidade de vidas e de modos de viver.

No gesto do fotógrafo Thiago, e na expectativa de nosso olhar convocada pelas três imagens, encontro certa aproximação com princípio de *kenosis* (MONDZAIN, 2013), produzido pelo confrontar-se dos fiéis com os ícones bidimensionais da tradição ortodoxa

cristã. São rostos que “flutuam” e produzem a distância fundamental à ocupação pelos sentidos, na medida em os retratos *falham* em tridimensionalidade e profundidade. Os rostos escapam no para além do visível e se elevam; *tocam* pela distância que produzem a retina *susceptível* do expectador com uma espécie de doação. Não é possível se deixar ocupar pelo doado, pela chegada inesperada de outrem quando estamos cheios de nós mesmos.

Diferentemente da imagem que totaliza e nos enfeixa, na comunhão que sacia a fome da fé em um corpo único, o corpo que salva a imagem é aquele que produz diferenças em sua aproximação. Produz-se a eleidade. Curiosamente, o aplainamento visual que as imagens apresentam aqui é de outra ordem; um aplainar que não simplifica para rostificar, mas que desacostuma o olhar, desarranja-o para nos esvaziar de nossas certezas e autonomias visíveis, de nossa tridimensionalidade corporal hipervisível, mostração aflita que sempre volta ao mesmo e que corre o risco de incorporar, totalizar.

Nesse sentido, as fotografias de Thiago se *revelam* quando efetivamente vistas em seu *para além* da representação e da percepção, assim como sugere Levinas; operações cujos traços estão aninhados nos rostos que se ofertam a nós pelas lentes nuas de Thiago. No imbricamento dessas operações eis todo o enigma que o rosto é capaz de nos ofertar nas infinitudes que o travessam.

Na segunda parte (d – f) se mostram outros três rostos em uma gestualidade afetiva, comunicante, que remontam àquilo que Levinas (1986)⁶ define como *oferecimento do rosto à tua misericórdia e à tua obrigação*; trata-se de en-carar o outro muito mais que des-carar.

Sim, encarar... ainda que se encare muitas vezes des-carando. Sabe-se a cor dos seus olhos, o formato do nariz etc., mas olhando como uma imagem. Porém, quando eu te digo “bom-dia!”, eu te abençoei antes de te conhecer, eu me ocupei com seus dias, eu entrei em sua vida além do simples conhecimento (...) respeitar outrem é dar-se conta de outrem, é fazê-lo passar antes de si próprio. E a cortesia! Ah, mas é muito bom: o fazer passar antes de mim, esse pequeno impulso de cortesia é um acesso ao rosto também. Por que você deve passar antes de mim? É bem difícil, porque você também abordou meu rosto. Mas a cortesia ou a ética consiste em não pensar nessa reciprocidade. (LEVINAS, 1986, p. 85-86, grifo meu)

Interessante perceber como a perspectiva de Lévinas traz o *dizer* da imagem *para além* dela, na medida em que a imagem rompe com o regime da representação ou das simples percepções que se apresentam no visível.

⁶ Em entrevista concedida a Francois Poirié, entre abril e maio de 1986. Publicado em: POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: Ensaio e entrevistas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Os ditos fotográficos (feições que se manifestam na cor dos olhos, no formato do nariz...) são atravessados pelo dito “bom dia!”, o que se desdiz porque vai além de um protocolo de boas maneiras. Aqui o gesto insignificante de se ocupar com a vida de outrem, “passando-o adiante” num cumprimento, num olhar, num oferta de si; significa não pensar em devolutiva. A gratuidade do gesto que des-cara, para en-carar o que nos chega como revelação – novamente o que o conhecimento não pode compreender pela via do *logos*.

Vemos o sorriso de Dona Vânia, com seu turbante-enigma (d); a candura do olhar do senhor de bigodes, que remoça no encontro, *como se* singularizasse o bom dia que prossegue a responder, diferindo cada passada adiante e a partir do sorriso que lhe renova (e); ou no aceno ao longe, acumpliciamento do outro em mim, na mão que se ergue para *dizer* que eu-como-outro se mostra albergado na lente de um fotógrafo que dá passagem a esse gesto, olho que se (des)ocupa de outrem antes mesmo que esse se faça *visage*; antes que se mostre propriamente imagem.

Esses sorrisos, expressões ternas e infinitamente padecentes me enlaçam, me acolhem, me desafiam, se apresentam a mim num misto de oferta e convite. São imagens que mobilizam afetos e nos levam a uma (in)certa *fraternidade*. Movimento não sem dor, sem violência, sem o padecer que a eleidade nos indicia; eles-outros, que se dão e ao mesmo tempo me violam, e por quem, mesmo na violência, sou absolutamente responsável.

d. Fragmento II

Logo na chegada à Praça, me alcança o rosto de Araci. “Sem s, nem y, com i”, firma. Ela veio da Bahia, Feira de Santana. Com uma rosa amarela que ganhara de uma mulher que saía da Igreja, traz consigo uma sacola plástica de tralhas e uma pequena garrafa *pet* de cocacola cheia de cachaça. Ainda não sabia seu nome, enquanto nos olhávamos e ela ria de um outro que gritava *como se* fosse um pastor a pregar, vociferando “eu pego você, seu filho da puta!”. Ela espia, escondendo o rosto por detrás da palmeira. “Esse cara é doido; eu já trabalhei com ele na banca”, sorri.

Assentamos. Eu ao lado de Araci, Thiago à sua frente. O sol coa entre os prédios, lambendo o chão.

Dona Araci fuma e conta que não mora na rua, mas na Vila Mariana. Ela se remexe quando Thiago lhe pergunta se vive na Sé. “Eu tenho casa, alugo um quartinho; vocês já almoçaram?” Dissemos que sim e o papo engatou. Com apenas um dente à mostra na parte de baixo da boca, fala ágil e olhos firmes, entre um trago e outro de cachaça, Dona Araci diz que

sua mãe, Percília, era lavadeira e muito bonita; havia se separado de seu pai, Ramiro, após um derrame. “Falavam mal dela, dizendo que, depois da doença, minha mãe se separou dele porque o traía. Mas não... ela me falava para eu visitar ele e eu ia lá. Minha mãe era boa.”

Araci remonta à época em que trabalhava na banca. Diz gostar de se comunicar e dá risada quando fala das bijouterias que vendia. A estratégia da época era elogiar as argolas que estavam na moda, por conta da viúva Porcina, na tevê.

“Eu conheci a Dona Ana Rosa”, e começa lamentar com o *rosto todo* a morte de Rosa, quem levava para ela o almoço de todo dia. “Antes de ter o metrô, antes dos pontos de ônibus, ali, no largo da Ana Rosa, ela descia logo cedo pra rua e varria. Varria, ia varrendo, até lá na frente. Varria tudo. Quando via, já estava com a pá perto da minha banquinha.” Dona Araci diz que Ana Rosa era uma mulher boa, como é que podia ter morrido? E daquele jeito? Passou o prato quebrado no pescoço. “Assim”, mostra. “Nem gosto de lembrar”. Ela se matara e antes da hora. Horrível. E Araci remexe as coisas da sacola para mudar de assunto. Tal a moral: o Largo leva nome Ana Rosa hoje por conta da boa senhora varredoura, e que não suportou mais viver, e que deu cabo de seu próprio rumo nesse mundo. E hoje são lojas, trânsito e são gentes. *Como se* Rosa fosse, despetalada no prato de sangue.

Ficamos um pouco mais, o tempo se esgota, o papo diminui. Rosa amarela no pote de água que veio da Igreja. Dona Araci bate a mão e derrama; fica pouca água no pote. “Depois consigo mais, deixa quieto”. Cor de rosa, o cobertorzinho, mantinha de bebê, que Dona Araci traz a tira colo. E Ana Rosa na memória. E nas suas costas a pele descascada, perebas, os cabelos dentro da touca. Os sapatos, dobrados nas pontas do calcanhar, revelam as cascas e fissuras sem sangue do corpo.

e. Enlaçar

Na proximidade de outrem, a carícia que me afeta pelo *tocar* se dá na revelação da imagem dos rostos que se visitam e, tocando-me os sentidos, *fazem* visitação em mim. Na esteira do pensamento de Lévinas, me avizinho das palavras de Nancy (2014b) que diz do *estremecer*; nesse inter-peles, o tocar aciona em nós uma vibração que separa, distancia no gesto de por em contato, inter-pelar.

Tocar agita e faz mexer. A partir do momento em que me aproximo meu corpo de outro corpo – seja este inerte, de madeira, de pedra ou de metal – desloco o outro – ainda que com um desvio infinitesimal – o outro me afasta de si e de certo modo me retém. O tocar age e reage ao mesmo tempo. O tocar atrai e repele. O tocar empurra e repele, pulsão e repulsão, ritmo de fora e de dentro, da ingestão à rejeição, do apropriado e do inapropriado. (NANCY, 2014b, p.16)

Na última parte dessa série nos colocamos perante quatro imagens que a-pelam para o infinito do rosto que se abre no corpo e, como tal, se alastra para o exterior. São fotografias, peles, superfícies, cascas que imageiam, e é evidente que se trata também do regime do ver, do que se faz visível nessa superfície. Mas como a afeição e a afetação se manifestam de diferentes modos, será também a pele responsável por unir esses regimes entre si – ver, ouvir, farejar, experimentar –, sem, contudo, fundir. Como afirma Nancy (2014, p. 2021), “a própria pele que reveste não passa de desenvolvimento e realização, exposição completa de toda a circunscrição do corpo (de toda sua separação).”

Não seria exagero dizer que os gestos de carícia que comparecem às imagens de Thiago nos tocam em profundidade *a alma*, e essa expressão nunca será uma simples metáfora. O toque que faz os corpos se alastrarem por meio dos sentidos que se movem e nos movem, deriva uma vibração tal como – e ainda a partir de Nancy – o toque de um pintor, de um pianista, de um teclado de computador, de fantasia ou melancolia; o toque erótico de um texto e ou de uma cena. O toque dos rostos tocados-tocantes por-de Thiago. Imagens que fazem da interpelação a resposta, a responsabilidade. Alma como corpo.

A alma é o corpo tocado, vibrante, receptivo e reativo. Sua resposta é a partilha do toque, seu lançamento em sua direção (...) Um corpo insurge contra o seu próprio encerramento, contra seu fechamento em si, contra sua entropia. Ele insurge contra sua morte. Não é impossível, talvez, que o próprio toque da morte provoque uma última insurreição, ao mesmo tempo dilacerante e abandonada. (NANCY, 2014b, p. 27)

A teima da vida em viver, sobreviver e insurgir-se transcende no gesto concreto de tocar e ser tocado por outrem, na passagem dos infinitos rostos que tocam o rosto singular. Essa busca por outrem primordial, que nos faz evadir do solipsismo do eu, faz uma travessia nas imagens finais dessa série.

O abraço (g) que envolve o riso e o risco do aconchegar-se, corpo a corpo em outrem *como se* abraço nosso neles. Entregues nuca às bocas; partes de nós ditas das mais vulneráveis. O pescoço passivamente posicionado, receptivo ao gesto de outrem, acolhe e sorri. Nossas nuca expectadoras e expectantes, em encontro-olho-vibrante se fazem também expostas diante daquilo e daqueles que se expõem. Elas acolhem esse gesto de afeto talvez banal e cotidiano, mas que, por sua envolvente insignificância, traz em si beleza ímpar. O dorso que se oferece ao aperto dos braços, pele à mostra em justaposição calorosa *diz* do enternecimento que segue *para além* do visível.

O encontro das mãos, os fios da barba deitados sobre os ombros, fazem menino o homem, maternalizam a senhora e nos remetem a uma infância dos corpos em aproximação. Atar em separação; aninhamento e sucção que faz parir num fora o tocar do outro em mim. Alteridade que se deixa ficar pelas costas e que se entrega em seu *peso de ser*, oferta em desinter-esse a mim. Depósito das contas do Ser que, no fim, pesa nada e que, por nadificar, torna-se infinitamente pesado no reino do mesmo.

Outro enlace comparece na face acolhida de um homem ao outro (h). Esse deixar-se em *mais que dor* recebe da aproximação dos rostos a ternura de um encontro; o braço que o envolve, guardado no blusão de lã é o mesmo que poderia asfixiar. Mas dele surge uma expressão de angústia que, em seu sofrer, nos toca como se nosso braço abrisse passagem no gesto de outrem.

Eis que o ente-carne-corpo materializa esse afeto miúdo. A imagem separa e divide ainda o espaço do gesto entre as ninharias da garrafa de coca-cola vazia, a bolsa ao ombro. Entre-peles e pêlos, as pontas dos dedos, o encontro macio das carnes. A imagem tece – tecida albergaria do que segue diferindo na máxima aproximação. Gesto que termina mesmo no tecido que protege a cabeça, na pele da pele que se enovela ao campo da razão, depondo-a do seu império consciente. A camisa *como se* diadema desse encontro, cobertura da fronte em abertura e doação.

“Entre nós” *dizem* os rostos ancorados um ao outro pela afetação assimétrica do olhar (i). No colo que padece em *ombridade*, as espáduas do par de olhos incertos acolhem a mirada do rosto que flerta com o fotógrafo. Um outro, chamando a responder ao gesto do primeiro, olhar que *vai além*; ele faz ruptura com a linha de fuga das pupilas que vagueiam num sem-lugar, a uma distância (in)finita.

Na fragilidade daquele que se eleva na imagem, um dos rostos se revela em uma força vulnerável que nos toca por seus lábios enternecidos, pelas veias que irrigam as têmporas, pelo chorar que marulha a ressaca seca de si, entreolhos das marcas de si que miram o chão. E *eis-me como se* isso: entreolhos, *entre nós*. A constituição da precariedade e da fraternidade que nos abarca e que responde a outrem; anagrama-resposta à *morbidade*, gesto de ombridade.

Ombro. Ombro ao rosto, rostos ao outro, os outros em nós. “Entre nós”, clamam. Já não se pode fazer ditos sem as falhas advindas dos terceiros, porque a díade desses dois pares de olhares-rostos nos implicam na triangulação dos silenciosos que comunicam. Já nos tornamos *entre* na medida em que o eu-tu segue diferindo nos modos de ver, de en-carar. O toque

desses homens fazem da imagem *como se* vibração daquilo que nos des-encara; mandamento imperativo –*não matarás!*

A fotografia faz do testemunho o que se apresenta; ela segue seu jogo de luz e sombra que deita clarão ao rosto que me fita diretamente, aninhado ao ombro do outro, mas que não se deixa capturar. Mesmo jogo de cinzas e branco que se oferece no esteio, no ombro-nosso. Solicita-nos a mirada como a sombra que sobrevém às chagas e que adentra escápulas. Contudo, no gesto da dádiva *para-outrem*, são os meus ombros que carregam a maior responsabilidade de todas, que se *implicam em* para se *explicarem com*. E mesmo que em todos os ombros-nossos se sobreponha o peso da dor dos terceiros, a eleidade que vêm nos retira do si.

Eis que a eleidade movimenta as interrelações; ela já se faz infinito na assimetria dos olhos de ambos os homens retratados que me olham-não-olham, indiciando sempre um *para além* que já me ocupa. Sou tocado, vibra o corpo que se deixa apanhar pelos gestos que nos ofertam *cascas*. Gestos que realizam um a-pelo à ombridade, que é anterior ao tempo da razão. A eles respondo: “bom dia!”

Coloco-me perante a última imagem, a do *em face* de Aloísio que antes me olhava como busto de pele marcada, incêndio debelado pela tez suberina e que agora me fita como rosto *post mortem* que se eleva pela mão de outrem (j). Gesto terno do encontro dos corpos. Mão e face generosos, cúmplices.

Não se trata de uma espiral dialética que nos devolve ao retorno-início das coisas. Aloísio, o Cu, fatidicamente assassinado. Ele não nos traça um périplo de Odisseu, mas nos coloca perante o percurso abraâmico de evasão, que sai sem retorno, diferindo no infinito deserto dos rostos da Praça da Sé. Aloísio sorri em uma itinerância sobrevivente; em busca de um *por vir*, de uma promessa de terra que sempre está um pouco além e que nos passa a dianteira. O Cu da rua me toca pela planta dos pés às palmas das mãos em gesto cuidadoso, seguro. Cu é en-carado, en-cara-se-em-nós para nos de-sen-carar.

Lembro-me novamente do des-inter-esse levinasiano hospedado nas mãos desconhecidas, mas que ternamente captam as águas vertidas das rugas e olhos. Cu do corpo incinerado, sobrevivente marca do massacre de 2004⁷. Morto a pancadas por homem

⁷ Em 2004, um massacre de pessoas em situação de rua na Praça da Sé ganhou repercussão internacional. Os crimes ocorreram entre os dias 19 e 22 de agosto daquele ano e deixaram sete mortos. As vítimas foram assassinadas com golpes na cabeça enquanto dormiam no local. Outras oito pessoas ficaram gravemente feridas. Depois disso, estabeleceu-se 19 de agosto como Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua. Nenhum dos suspeitos identificados como autores dos crimes foi condenado, nem sequer preso. Aloísio, o Cu, era um sobrevivente desse massacre, cujo corpo trazia marcas da violência sofrida naquela ocasião.

anônimo, rastro de violência sem destino, destinação. Aloísio, o Cu que se entrega ao tocar de outrem para nos tocar na imagem do tremor; dádiva de Thiago –“bom dia, Aloísio!” Os dedos vivem para suportá-lo *como rosto* que se expressa em toda sua beleza e miséria, num soerguimento da subjetividade desse homem tão rosto de outros tantos da Praça da Sé.

O fotógrafo revela-se-nos na passagem desse poema-imagem. O ato de tocar outrem em sua dignidade e de habitar o vazio da diferença na espera da chegada do estrangeiro – inaguração do tempo – é o que nos dá testemunho da imagem mais fraterna que se possa produzir a partir da saída de Si para-outrem.

O amor, meus amigos; o amor. Eis o que nos torna *por vir* da Política em *différance*; rostos singulares entre nós; des-inter-essamento no face a face que nos permite imagear a pura comunicação na abertura! Rosto tão assim: mão ao queixo. Aloísio, o Cu, nos toma pela sua vulnerabilidade e nos torna infinitamente humanos na responsabilidade anterior a qualquer intecção. E em tal exposição, Aloísio nos dá testemunho da absoluta desposseção. O encontro que nos faz tremer, que nos toca com sua oferta de passagem para a substituição de Si para outrem: a imagem-amor.

REFERÊNCIAS

- BANDE, Yaacov. *Manual de Bênçãos*. Editora Chabad, 1979. Disponível em: http://www.chabad.org.br/biblioteca/publicacoes/Manualbencaos/Manual_de_Bencaos.pdf. Acesso em 15 jan 2018, às 22h. p.103-14
- BENSUSSAN, Gerard. *Ética e experiência: a política em Lévinas*. Trad. Ozanan Vicente Carrara. Passo Fundo: IFIBE, 2009.
- CARRARA, Ozanan Vicente. *Lévinas: do sujeito ético ao sujeito político, elementos para pensar a política outramente*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.
- CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. Tradução de Antonio Hall. Lisboa: Instituto Piaget, 2003
- COSTA, José André da. *Ética e política em Lévinas: alteridade, responsabilidade e justiça*. Passo Fundo: IFIBE, 2013.
- KORELC, Martina. *O problema do ser na obra de E. Lévinas*. Goânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.
- LÉVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1974; 2011.
- _____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1967; 1999b.
- _____. *Die Zeit und der Andere*. Hamburgo, 1984.
- _____. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982; 2007.
- MONDZAIN, Marie-José. “Doutrina da imagem e do ícone”. *Imagem, ícone, economia: fontes bizantinas do imaginário contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. p. 103159.
- NANCY, Jean-Luc. *À escuta*. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, 2014.
- _____. *Arquivada: do senciente e do sentido*. São Paulo: Iluminuras, 2014b.
- POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: Ensaio e entrevistas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SEBBAH, François-David. *Lévinas* (Col. Figuras do Saber; n. 24). São Paulo: Estação Liberdade, 2009.